

Encarnação: Mistério Proclamado

JOAQUIM CARREIRA DAS NEVES, OFM

1. O texto de Lucas 4,16-30

Para discorrermos bíblicamente sobre a Encarnação como mistério proclamado resolvemos começar com o estudo de *Lc 4,16-30*, até porque é o único texto do NT onde se faz uma referência directa ao Jubileu. É, de facto, um texto de uma riqueza extraordinária capaz de nos fornecer o verdadeiro pensar de Jesus sobre a maneira como ele entendia o Jubileu de Deus para a nova humanidade messiânica.

Partimos do princípio que Jesus tinha a autoconsciência de ser, realmente, o Messias de Deus e o Profeta escatológico. Partimos também do princípio que este texto de *Lc 4,16-30* é um texto redaccional, pois aparece apenas em Lucas, mas retrata de maneira paradigmática o pensar de Jesus sobre o assunto. A relação entre o Jesus histórico e o Jesus redaccional é uma relação de verdade de revelação neotestamentária e não exclusivamente de historicidade. O texto lucano tem os seus paralelos sinópticos em *Mt 13,54-58* e *Mc 6,1-6*, isto é, quando Jesus se vê rejeitado pelos seus conterrâneos depois de algum tempo da sua vida de pregador do Reino de Deus e de taumaturgo, que desencadeava, por isso mesmos, atitude de fé e de entrega, por um lado, e atitudes de rejeição, por outro lado. Além do mais, é só Lucas que lhe dá o enquadramento jubilar.

O texto de Lucas vem imediatamente depois das tentações de Jesus, ao contrário de Mateus e Marcos, e apresenta o primeiro passo da chamada vida pública ou messiânica de Jesus. Significa isto que Lucas apresenta neste texto o *programa narrativo e cristológico* de Jesus. Enquanto que para Marcos e Mateus, o programa narrativo de Jesus consiste na proclamação do *Reino de Deus*, em Lucas consiste na procla-

mação do *ano da graça do Senhor*, ou seja, do *Jubileu cristão* de Deus através do seu filho Jesus. Tudo o que Jesus foi e representou na sua vida real está como que pintado nesta tela de cores extraordinárias. É nesta narrativa que desagua todo o AT e é a partir daqui que a vida pública de Jesus recebe todo o seu sentido, isto é, temos uma vertente analéptica, por um lado, e uma proléptica, por outro lado ¹.

Todos conhecemos muito bem a cena: Jesus vai à sua terra natal de Nazaré e, segundo o seu costume, ao sábado participa na liturgia da sinagoga. Mas a liturgia deste sábado vai assumir um estatuto único em relação a todos os outros sábados, porque é neste sábado e nesta sinagoga que ele pronuncia as palavras da sua auto manifestação messiânica e escatológica: «Cumpriu-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir» (v. 21). Para compreendermos a profundidade e a dimensão desta afirmação temos que ir por partes.

2. A citação do texto de Isaías

Segundo a narrativa, o acólito da sinagoga – como era o costume –, entregou a Jesus o rolo das Escrituras hebraicas e ele abriu-o no texto de Is 61,1-2, que passou a proclamar:

- 18 *O Espírito do Senhor está sobre mim,
porque me ungiu
para anunciar a boa nova aos pobres;
enviou-me a proclamar a libertação aos cativos
e, aos cegos, a recuperação da vista;
a mandar em liberdade os oprimidos,*
19 *a proclamar um ano favorável da parte do Senhor.*

1. Como escreve Charles H. TALBERT, *Reading Luke. A Literary and Theological Commentary on the Third Gospel*, Crossroad, New York 1992, p.54: «By so locating it, the evangelist indicates that in his story this scene does not simply relate one event among others but has programmatic significance for the whole (cf. Acts 13,13-52, a scene at the beginning of Paul's missionary work that is typical of what repeatedly happened)». Este autor termina a análise exegética de Lc 4,16-30, em estilo de conclusão, desta maneira: «To summarize: in 4,16-30 the evangelist gives a programmatic statement of Jesu's ministry – and by extension, the ministry of the church – as one empowered by the Holy Spirit, involving not only preaching but also healing and exorcism, and moving outwards to touch the whole world» (p.57). O mesmo afirma Joseph A. FITZMYER no seu clássico comentário a Lucas, *The Gospel According to Luke*, Doubleday & Company, Garden City-New York 1981, Vol. I, p. 529: «The Lucan story, transposed

Enquanto que Mc 1,15 apresenta o programa de Jesus com a frase: «Cumpru-se o tempo e está próximo o Reino de Deus: arrependei-vos e acreditai no Evangelho», o Jesus de Lucas afirma: «o tempo ou o ano da graça do Senhor acaba de chegar e sou eu que o vou realizar na sequência da profecia de Isaías».

Na narrativa lucana há que distinguir duas partes, a primeira nos vv. 16-20, em que Jesus pega no rolo e lê o texto de Isaías, e a segunda, nos vv. 21-30, em que Jesus interpreta o mesmo texto de Isaías, a que poderíamos apelidar de homilia. Na primeira, Jesus apenas proclama a palavra da Escritura e na segunda proclama a sua própria palavra de realização presente e futura da palavra da Escritura. O acontecimento da palavra profética torna-se em acontecimento histórico no *kairós* temporal de Jesus. E o mais importante e decisivo na narrativa não é tanto a proclamação da palavra de Isaías, mas a proclamação homiliética de Jesus que vai dar início a uma nova fase da história de Deus. É o tal mistério proclamado do Verbo de Deus incarnado que corresponde ao enunciado da nossa epígrafe: Encarnação – Mistério Proclamado.

O texto de Isaías encontra-se no chamado Trito Isaías, o que corresponde a um tempo do exílio da Babilónia ou imediatamente ao pós exílio. Diante das grandes dificuldades e amarguras do exílio e pós exílio, Deus apresenta o seu mensageiro cheio do seu Espírito para infundir esperança ao seu povo *pobre, cativo, cego e prisioneiro*. Estas quatro classes sociológicas em que vive o povo são bem expressivas, pois simbolizam toda a situação de degradação, pobreza e falta de liberdade em que vive o povo.

Mas Lucas não lê de maneira literária o texto hebraico de Isaías, pois elimina a frase final *um dia de vingança para o nosso Deus*, absolutamente necessária ao texto de Isaías, porque o ano da *graça* do Senhor, na mentalidade do AT, só se concretizava se o povo fosse liberto dos seus inimigos pelo castigo correspondente contra esses inimigos. Mas o Jesus de Lucas não refere esse dia de vingança contra os inimigos do povo, precisamente por corresponder às antípodas de toda a acção de Jesus: ele veio para

to this point in the Gospel, has a definite programmatic character. Jesus' teaching as a fulfillment of OT Scripture – this is his kerygmatic announcement (the Lucan substitute for the omitted proclamation of Mark 1,14b-15). But that same teaching will meet with success and – even more so – with rejection. Luke has deliberately put this story at the beginning of the public ministry to encapsulate the entire ministry of Jesus and the reaction to it. The fulfillment-story stresses the success of his teaching under the guidance of the Spirit, but the rejection story symbolizes the opposition that his ministry will evoke among his own. The rejection of him by the people of his hometown is a miniature of the rejection of him by the people of his own *patris* in the larger sense».

salvar, agraciar, perdoar e não para *castigar*. Agora deixa de haver amigos e inimigos, judeus e pagãos, para haver apenas o ano jubilar da graça para todos.

Além do mais, há ainda a acrescentar que Jesus introduz no seu texto isaiano a frase de *Is 58,6d: libertar os oprimidos*, que vem acentuar um pouco mais a semântica da opressão ao texto de *Is 61*. O que é que Lucas intende com esta libertação torna-se claro se tivermos em conta o verbo *aphesin* e *aphesei* no v.18: *libertar os cativos* e *libertar os oprimidos*. O verbo «libertar» diz o mesmo que «salvar», como aparece claro nos textos de *Lc 1,77; 3,3; 24,47; Ac 2,38; 5,31; 10,43; 13,38; 26,18*. Libertar do cativo é salvar do cativo. Trata-se duma libertação ao mesmo tempo política e religiosa em conformidade com o contexto de *Is 61* e *58*. Na pessoa de Jesus trata-se da sua actividade como pregador, taumaturgo e exorcista. E estas três actividades de Jesus só aparecem e só se compreendem depois do baptismo do mesmo Jesus em que o Espírito Santo de verdade e libertação que o possui também liberta os cativos políticos, os doentes físicos e psíquicos dos seus males demoníacos.

Uma pergunta que se formula, de imediato, é esta: porque é que *Is 61* fala do ano jubilar exclusivamente a partir de pessoas, sem nomear a remissão das terras e propriedades? Será que se processou uma evolução sobre o ano jubilar, dentro do próprio judaísmo? A resposta deve encontrar-se no âmbito semântico da história do exílio e pós exílio. O que está em causa são os exilados classificados nas quatro categorias gerais: os que sofrem, os desesperados, os exilados e os prisioneiros. É o povo que precisa de ser liberto da sua pobreza e da sua escravidão e, para tanto, Deus suscita um profeta cheio do seu Espírito para anunciar que o ano da graça ou o jubileu da libertação vai chegar brevemente. Os destinatários deste jubileu são, pois, os exilados, classificados de sofredores, desesperados, exilados e prisioneiros. Trata-se da pregação duma Boa Nova que arranca duma sociologia e história humanas que deve converter-se numa nova sociologia e história: a da liberdade política e religiosa. Mas nunca devemos esquecer o que já afirmámos atrás: o profeta ou mensageiro de Deus anuncia a libertação do ano jubilar para os hebreus exilados, mas também o *ano da vingança do nosso Deus*, isto é, a libertação e salvação dos judeus seria fruto do castigo divino contra os seus inimigos, ponto este que Jesus suprime na sinagoga de Nazaré.

Assim sendo, o jubileu que Jesus proclama na sinagoga de Nazaré é o ano da graça (literalmente: *um ano favorável do Senhor*) para todos os povos, judeus e não judeus. Este sentido advém da citação de Isaías com as correcções que o próprio Jesus faz e, igualmente, da homilia que se segue na segunda parte do texto que começa com a célebre frase de Jesus: *Cumpriu-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir*.

3. A homilia de Jesus

Devemos começar por dizer que o texto de *Is* 61 era um dos textos bíblicos escolhidos nas sinagogas do pós exílio para a leitura litúrgica e sinagoga no princípio do ano jubilar. Com este pano de fundo histórico entendemos melhor a escolha de Jesus para anunciar o seu ano jubilar a partir daquele momento.

O que se segue tem a ver com a reacção dos seus ouvintes e conterrâneos. Geralmente, as traduções do v. 22 rezam assim: «Todos davam testemunho em seu favor e se admiravam com as palavras repletas de graça que saíam da sua boca.» Mas esta tradução parece contradizer o que imediatamente se segue, uma vez que Jesus afirma: «Nenhum profeta é bem recebido na sua pátria», e apresenta como exemplos da graça ou da misericórdia de Deus o milagre de Elias a favor duma mulher pagã, a viúva de Sarepta de Sídon, e o de um general pagão, o sírio Naaman. Por isso mesmo há quem traduza o v. 22 da seguinte maneira: «E todos davam testemunho *contra* ele, pois admiravam-se das palavras sobre a graça que saíam da sua boca, e diziam: 'não é este o filho de José?」² Pessoalmente, estamos de acordo com esta tradução uma vez que o dativo do pronome pessoal *autô* tanto se pode traduzir *a favor dele* como *contra ele*. Este último sentido está mais de acordo com o contexto da homilia de Jesus e com a reacção dos nazarenos *contra Jesus*. E o facto dos nazarenos estarem contra ele provém da proclamação bíblica que Jesus faz de *Is* 61 ao omitir o versículo importante sobre *o dia da vingança do nosso Deus*. Já sabemos que não há salvação para os exilados se não houver o castigo para os seus inimigos. Esta omissão faz com que os nazarenos se oponham a Jesus e testemunhem *contra ele uma vez que ele só proferia palavras de graça* e não também de castigo contra os seus inimigos. Só Deus poderia alterar as Escrituras e nunca ele que, como reza o texto, não passava dum simples filho dum carpinteiro. E é precisamente neste contexto de graça e misericórdia que Jesus apresenta os dois exemplos da mesma misericórdia a favor duma mulher e dum homem pagãos.

Temos, então, que concluir que o ideal e o utópico do ano jubilar das Escrituras hebraicas se transforma no real e histórico da acção deste mensageiro de Deus chamado Jesus de Nazaré. A sua afirmação central: «Hoje mesmo se cumpriu esta Escritura que acabais de ouvir» não tem nada de ideal nem de utópico porque o ano do favor de Deus que Jesus acaba de proclamar dirige-se a todos os desfavorecidos deste mundo,

2. Cf. *Nueva Biblia Española*: «Todos se declaraban *en contra*, extrañados de que mencionase sólo las palabras sobre la gracia».

tanto judeus como pagãos. O *hoje* de Jesus é um *hoje* ao mesmo tempo de história real e de história proléptica. A história real está bem comprovada com a vida de Jesus durante os seus dois anos e meio de pregação messiânica e escatológica a favor de pobres, publicanos, mulheres de má vida, e de todos os marginalizados por causa das leis de santidade ritual que imperavam no judaísmo de então.

A partir daquele *hoje* histórico e escatológico, o ano jubilar de Jesus nunca mais acabou. Começou com ele e tem que continuar na acção histórica dos seus discípulos. Este ano jubilar de Jesus implica, pois, uma mudança de atitudes em relação aos valores normais da sociedade que prefere os ricos e os bem nascidos aos pobres e marginalizados da mesma sociedade. O ano jubilar de Jesus tem que ter consequências «revolucionárias» na política, economia e sistemas sociais de ética e de moral. Por isso mesmo, a proclamação de Jesus: «Hoje mesmo se cumpriu em mim o que o profeta Isaías acaba de nos dizer», tem que se traduzir neste ano jubilar que celebramos por: «Hoje mesmo Deus quer que se cumpra em cada um de nós o que Jesus fez, realizou e viveu».

A revolução de Jesus começa pela religião, isto é, pela nova visão que o cristão deve ter sobre a pessoa de Deus. Uma religião que excluía da sinagoga de Deus os doentes, pobres, pastores, publicanos, etc., não podia ser a verdadeira religião do verdadeiro Deus. Só podia ser uma máscara do verdadeiro Deus implantada por obra e graça das leis rabínicas, mormente dos fariseus.

À primeira vista parece escandaloso que Jesus comece a sua vida pública por arrelhar os nazarenos da sua terra e da sua família, que acabam por querer matá-lo (vv. 28-29). É natural que esta narrativa de Lucas, por ser redaccional, não tenha a ver apenas nem sobretudo com uma narrativa histórica de tipo jornalístico, como diríamos hoje, mas com uma narrativa de profetismo real que compendia em si toda a vida de Jesus, pois bem sabemos que a sua família de sangue não o compreendeu e que o judaísmo institucional, tanto dos fariseus, saduceus, herodianos e sumos sacerdotes também o não aceitaram, excepto raras excepções. Por isso, Lucas apresenta-nos um narrativa programática de toda a vida pública de Jesus.

O que interessa a Jesus não é agradar à família, aos partidos ou grupos, ao Sinédrio, a políticos ou a religiosos, mas sim e tão somente a Deus para que o seu Reino ou soberania se implantem em Israel e no mundo inteiro a partir daquele *hoje* que iniciou o novo e definitivo ano jubilar de Deus através do seu mensageiro chamado Jesus de Nazaré e filho do carpinteiro.

O Jesus de Nazaré e o filho do carpinteiro é um homem real, histórico, que trabalhou toda a sua vida de juventude e de homem a ajudar a

sua família e os demais parentes, amigos e conterrâneos. Era um homem crente, inteligente, que tomava decisões em total liberdade, que observava atentamente a prática religiosa de fariseus, saduceus, zelotas e, bem assim, a prática religiosa da liturgia sabática de cada semana. Conhecia o que se passava em Jerusalém, na Samaria e na Galileia. Conhecia muito bem as divisões internas entre fariseus e saduceus, como aqueles aceitavam a Torá e demais Escrituras, além das tradições em torno da *halaká* e da *haggadá*, que os levava a acreditarem nos anjos, na imortalidade e na ressurreição no último dia, ao contrário dos saduceus. Conhecia muito bem a realidade político – religiosa entre saduceus e romanos, ou, entre o Sinédrio e os herodianos. E, da mesma maneira, conhecia muito bem as questões religiosas à volta das escolas rabínicas de Hillel e Shammai.

Todas estas realidades fazem parte do mistério do Jesus histórico ou do Jesus encarnado, isto é, em carne e sangue, em inteligência, vontade, liberdade, fé e amor.

4. O mistério proclamado da Encarnação nos Evangelhos da infância

Quando falamos da Encarnação, o nosso pensamento vai geralmente para os Evangelhos da infância de *Mt* 1-2 e *Lc* 1-2, onde se narra a conceição virginal de Jesus e o nascimento em Belém. Para além destas duas afirmações comuns a Mateus e Lucas, tudo o mais é diferente. Nem Mateus descreve o anúncio do nascimento de João Baptista, com tudo o que o rodeia, o aparecimento do Anjo a Maria, o recenseamento, os anjos e os pastores de Belém, o *Benedictus* e o *Mgnificat*, a circuncisão no Templo e o reencontro do jovem Jesus no mesmo Templo, nem Lucas relata seja o que for sobre a estrela e os Magos, o encontro dos Magos com o rei Herodes, a adoração dos Magos, a fuga da Sagrada Família para o Egito e a vinda da mesma para Nazaré.

O género literário destas duas narrativas é o *midrache* e a *aggadá*³. Por isso, estes textos e narrativas têm de ser vistos à luz da vida pública de Jesus e da Ressurreição do mesmo Jesus. Como tal, têm sobretudo um valor *prefigurativo*: «cada episódio do evangelho da infância de Jesus prefigura outros acontecimentos da sua vida adulta, ou, até, o seu mistério pascal, a sua morte e a sua ressurreição. Tudo isto nos conduz a um

3. Joaquim Carreira das NEVES, «Evangelhos da Infância: A Encarnação à Luz da Ressurreição», in *Bíblica (série científica: XXII Semana Bíblica Nacional)*, ano VIII, Novembro 1999, pp. 135-154.

desígnio teológico bem preciso, muito mais do que a uma intenção historiográfica»⁴.

Nos dois evangelhos da infância passa-se da evocação do corpo à evocação do Espírito. O mistério da Encarnação tem a ver com o corpo e o Espírito, com a história humana e a divina e com a decisão de Maria à luz do imperativo da história da salvação. Reparemos nestes três textos:

1. «Maria, sua mãe, *estava desposada com José*; antes de coabitarem, notou-se que tinha *concebido pelo poder do Espírito Santo* (Mt 1,18).
2. «José, *filho de David*, não temas receber Maria, *tua esposa*, pois o que ela concebeu é *obra do Espírito Santo* (Mt 1,21).
3. «O *Espírito Santo* virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra» (Lc 1,34).

«Maria e José são noivos e, depois, esposos; são corpo e sexualidade; são figuras históricas e icônicas que representam o estágio final da história da salvação. É inútil e ridículo perguntarmos pela história factual. O que o narrador nos diz é que há uma verdade matrimonial entre Maria e José e uma verdade não menos matrimonial entre Maria e o Espírito. Acerca do *como* da geração de Jesus, Maria, sua mãe, é a única que não tem medo de colocar a questão sexual: «Como será isso, se eu *não conheço homem?*» (Lc 1,3)»⁵.

A Encarnação de Jesus não tem apenas a ver com a sua conceição no ventre de Maria, sua mãe, mas com toda a sua história humana. Quem diz evocação do corpo, diz também evocação da história, e quem diz evocação do Espírito diz também evocação escatológica. Por isso, os evangelhos da infância de Mateus e Lucas são analepses e prolepses, isto é, evocações do acontecimento passado relacionadas com a profecia do AT, e do acontecimento futuro relacionadas com a vida pública e com o mistério pascal de Jesus. Da *tipologia* (passado) passa-se à *realização escatológica*. A genealogia, a estrela, os magos, o Egito, segundo Mateus, têm a ver com o passado profético, enquanto que o encontro com Herodes, o seu receio ou alvoroço pelo nascimento do rei dos Judeus e o de toda a Jerusalém, as palavras do anjo do Senhor a José em sonhos, também

4. Alberto MELLO, *Évangile selon Saint Matthieu. Commentaire midrashique et narratif*. Du Cerf, Paris 1999, pp 58-59.

5. Joaquim Carreira das NEVES, «Evangelhos da Infância...», *Ibid.* p. 140.

segundo Mateus, as mesmas palavras do anjo a Maria, o *Benedictus*, o *Magnificat* e, sobretudo, o *Nunc Dimittis* de Simeão e as respectivas palavras dirigidas a Maria, só em Lucas, têm a ver com a evocação proléptica ou com a realidade histórica do verdadeiro Jesus da história e do verdadeiro Cristo pascal.

O objectivo das narrativas de Mateus e Lucas é estruturalmente *teológico* e não biográfico. Como escreve Pierre Grelot em relação a Lucas: «De facto, o *objectivo de Lucas é estritamente teológico*. Ele apresenta uma «releitura» das origens de João Baptista e de Jesus, para que possamos compreender os seus papéis futuros segundo o desígnio de Deus»⁶.

O facto dos evangelistas começarem por apresentar as vozes angélicas, seja em sonhos (Mateus), seja directamente a Maria (Lucas), tem por fim, na sua função narratológica, realçar a verdade das asserções proferidas. Não se trata da verdade que vem da razão, da simples história e da inteligência dos homens, mas do próprio Deus. «A função pedagógica e catequética destas vozes é precisamente a de ser função da visibilidade de Deus e não da visibilidade da história factual. É um apelo à credibilidade do mistério e da fé, cuja semente jaz naquele menino, mas cuja flor só aparece na sua vida pública consumada no mistério pascal (...) E porque se trata, por um lado, de corpo, história, humanidade, pessoas e famílias, amor e sexualidade, pecado e história de salvação, e, por outro lado, de pregação do Reino através de sentenças, milagres e parábolas, de morte e ressurreição, aparecem-nos os paradoxos de um Zacarias que se interroga e não acredita (*Lc* 1,18), de Maria que interroga, mas que acaba por acreditar (*Lc* 1,38), da mesma Maria e mãe que medita no seu íntimo o mistério vivo do seu filho (*Lc* 1,19; 2,51b), ou, então, de José e Maria «que se admiravam com o que se dizia dele» (*Lc* 2,23), e, para terminar, do mesmo José e Maria que não compreenderam as palavras do filho sobre a sua relação com o Pai (*Lc* 2,50). Estes paradoxos têm uma função catequética em relação ao ser de Jesus durante a sua vida pública e messiânica e, finalmente, em relação à ressurreição. Este acreditar, duvidar, interrogar, meditar, por um lado, e este opor-se aos desígnios de Deus, por outro lado (Herodes, Sinédrio, Jerusalém em *Mt* 1,1-8.13.22; *Lc* 2,34), são modalidades do sentir e agir humanos diante daquela criança pelo que ela vai significar mais tarde como Messias, Filho de Deus, Filho do Homem, Senhor e Salvador. Nesta perspectiva, os evangelistas expõem uma narrativa carregada de analepses e prolepses bíblicas, em que o passado profé-

6. P. GRELOT, *Jésus de Nazareth Christ et Seigneur*, Vol II, Du Cerf, Paris 1998, p.457.

tico de Deus, escondido nas Escrituras hebraicas, se realiza no presente histórico de Jesus, e se projecta no eterno presente e futuro da escatologia da história, a partir da verdade divina do Jesus histórico que viveu e anunciou a nova Soberania ou Reino de Deus consumado no mistério pascal, o maior signo do amor e da vida em plenitude. A ressurreição de Jesus foi, é e será as primícias da nossa própria escatologia ressurreccional. É o último grito de amor e glória do mistério proclamado da Encarnação. E a prefiguração proléptica mais completa dos evangelhos da infância ou evangelhos da encarnação é-nos fornecida no cântico de Simeão: os seus olhos acabam de ver «a Salvação oferecida a todos os povos, a Luz revelada às nações e a Glória de Israel» (Lc 2,29-32), realmente só realizada pela própria Igreja depois do Pentecostes e a realizar-se *hoje e sempre* no escatológico da história. As angelofanias e os sonhos, respectivamente a Zacarias, Maria, José e pastores, como processo narratológico, legitimam a verdade dos acontecimentos, mas sobretudo a *interpretação* dos mesmos acontecimentos»⁷.

Assim sendo, os evangelhos fazem um todo de vida, morte e ressurreição e o mistério proclamado da Encarnação é o mistério dessa vida concreta, que corresponde ao grande e decisivo Jubileu da história da salvação.

Voltando à narratologia de Lc 4,14-30 e à narratologia dos dois evangelhos da infância, eles têm em comum o facto de serem narrativas programáticas da realidade concreta da história de Jesus. O mesmo se diga da narrativa programática de Mc 1,15 e par: «Chegou a hora! O Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e acreditai no Evangelho». O verbo *peplērôtai* no perfeito perfectivo significa que o *kairós* ou o tempo da economia da salvação de Deus, preparada ao longo dos séculos e milénios, atingiu a sua maturação. Por isso, o Reino ou Soberania de Deus está próximo e já actuante como indica o perfeito *eggiken*. Jesus é o agente desta Soberania de Deus em acção a realizar todas as evocações analépticas (messiânicas) do AT. Apresentamos apenas algumas: Dt 18,18, onde Deus promete a Moisés que fará surgir do meio do povo um *profeta semelhante a ti...*; Is 9,5, onde o profeta apresenta o *menino que nos nasceu, o filho que nos foi dado*, cujos títulos são: *Conselheiro maravilhoso, Deus forte, Pai para sempre, Príncipe da paz...*; Is 11,1s, que relata o rebento saído do tronco de Jessé, sobre quem repousa o Espírito do Senhor...; Is 61,1, que já examinámos; Jr 31,31s, onde se promete a *nova aliança...que não será como a aliança que estabeleci com os seus pais... pois*

7. Joaquim Carreira das NEVES, *Ibid.* p. 153 s.

imprimirei a minha Lei no seu íntimo e gravá-la-ei no seu coração...; Ez 36,26: Dar-vos-ei um coração novo e introduzirei em vós um espírito novo... Jl 3,1ss, onde se promete o Pentecostes sobre toda a gente; Zc 12,10: Hão-de contemplar aquele a quem atravessaram com uma lança... É esta novidade de Deus, tornada presente, que Jesus anuncia, vive; proclama e que nós proclamamos igualmente como realizada em Jesus e a realizar em cada um de nós.

Todos sabemos que esta novidade messiânica e salvadora do Jubileu de Jesus não foi entendida pelos seus discípulos durante a sua vida histórica porque estavam agarrados ao messianismo jubilar que salvava religiosa e politicamente Israel dos seus inimigos, na medida em que estes últimos, necessariamente, seriam castigados com a vingança de Deus. Por isso, os Salmos de Salomão, um escrito farisaico dos tempos de Jesus, proclamam alto e bom som esta atitude de libertação, por um lado, e de castigo, por outro lado, como também a atitude dos próprios discípulos em Mc 10,37 e par.: *Concede-nos que nos sentemos um à tua direita e outro à tua esquerda quando [restaurares] o teu Reino Glorioso*, ou, então, nos At 1,6: *Senhor, é agora o tempo em que vais restaurar o reino em Israel?* Neste último texto, Jesus, depois de haver prometido o envio do Espírito Santo, e, com ele, a era nova duma nova humanidade, aliás de acordo com as profecias dos velhos profetas já citados, Isaías, Ezequiel e Joel, os apóstolos perguntam-lhe: «Então é agora o *chrónos* da restauração por nós tão suspirada»? O verbo *apokathistêmi* significa esta restauração histórica e escatológica em que Jahvé, através do seu Messias, restauraria o povo de Israel de modo a tornar-se o centro do mundo e da história. Os seus apóstolos seriam os seus ministros. Judas lutou por tudo isto. Mas o Ressuscitado dos Actos (texto redaccional) corrige esta esperança duma restauração centrada no coração de Israel para a centrar no coração de todos os povos: «Não vos pertence saber a ocasião ou o dia que o Pai fixou com a sua autoridade. Porém, recebereis o poder do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria, e até às extremidades da terra» (Ac 1,7-8).

As estreitezas nacionalistas dos apóstolos, que reduziavam o plano de Deus sobre a humanidade ao coração político-religioso de Israel, o Jesus dos Actos chama-lhes a atenção para a dimensão universal, a partir da sua pessoa e do seu evangelho. A partir de agora, a soberania de Deus é colocada no coração do mundo e não no coração apenas de Israel. O centro desta soberania está em todos os povos e geografias e não apenas na geografia física e humana dos filhos de Abraão. Por isso recebem a felicidade ou a bem-aventurança de Deus não os cumpridores da lei de Moisés, segundo a economia da salvação de fariseus e saduceus, mas todos os

pobres, os que choram, os humildes, os misericordiosos, os sinceros de coração, os que buscam a paz, os perseguidos por cumprirem a vontade de Deus (Mt 5,3-11 e par. de Lc 6,20-23). Quem comanda agora no coração do homem e do mundo não são apenas leis e mandamentos religiosos, economia e política, mas a *hesed* ou a *eleos*, isto é, a *misericórdia*. Já Os 6,6 tinha proclamado que o que Jahvé esperava de Israel era a misericórdia, mas os judeus, sobretudo depois do exílio, vêm-se sem profetas e, pouco a pouco, passam para a economia da monolatria, isto é, transformam a Toráh de Moisés e respectivas tradições, a chamada *halakáh*, em desígnio absoluto de Deus. Vem agora Jesus repor a vontade *original* de Deus no seu devido lugar (Mt 9,13: «Ide aprender o que significa: *Prefiro a misericórdia ao sacrifício*, porque eu não vim chamar os justos, mas os pecadores»; Mt 12,7: «E, se compreendêsseis o que significa: *Prefiro a misericórdia ao sacrifício*, não teríeis condenado estes que não têm culpa»). Jesus tem esta consciência de ser o profeta escatológico de Deus, ungido por Deus, inteiramente entregue à vontade salvadora do Pai, totalmente invadido pelo Espírito, que vem restabelecer a vontade original do próprio Deus, sujeitando todas as instituições humanas e religiosas (casamento, sábado, templo, Lei, política) ao bem do homem, mormente o doente e o alienado por essas mesmas instituições. As metáforas do *noivo* (Mc 2,18-20 e par.) e a do *homem forte* (Mt 12,22-29 e par.) exprimem muito bem esta novidade: ele é o noivo da nova humanidade e o homem mais forte que vence o forte Satan que alienava os pobres e os doentes físicos e psíquicos.

Vamos terminar com a proclamação paulina do mistério da Encarnação no mistério da própria criação: «Pois até a criação se encontra em expectativa ansiosa, aguardando a revelação dos filhos de Deus. De facto, a criação foi sujeita à destruição – não voluntariamente, mas por disposição daquele que a sujeitou – na esperança de que também ela será libertada da escravidão da corrupção, para alcançar a liberdade na glória dos filhos de Deus. Bem sabemos como toda a criação geme e sofre as dores de parto até ao presente» (Rm 8,19-22).